

O problema do Brasil é...

PAULO HENRIQUE AMORIM

Já cansei de ouvir frases que começam assim. Qualquer um que me pegue pra conversar, sabendo que sou brasileiro, tem sempre uma teoria para resolver os problemas do Brasil. Sei até como começa: "Você vê o México..." Depois, vem a Argentina. Fico só esperando, porque o terceiro exemplo, geralmente, é o Chile. Foi exatamente o que aconteceu uma vez, com as câmeras já desligadas, depois de uma entrevista com Michel Camdessus, o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional. Também ele, em off, tinha uma solução para o Brasil.

"Você vê o Chile..."

"Não, o Chile, não, **monsieur** Camdessus, o senhor vai me desculpar."

E usei o meu argumento preferido, que costuma encerrar a maioria das conversas. É um argumento roubado de um amigo, um próspero fazendeiro paulista.

"Tem um amigo meu, **monsieur** Camdessus, que tem café no Norte do Paraná, soja na Bahia, gado no Sul do Pará, milho no Mato Grosso. Ele costuma dizer: se eu pegar todas as minhas fazendas e botar assim, no comprido, bem espremidas — dão um Chile."

Há uma corrente de pensamento que se notabiliza por enaltecer as virtudes de todos os outros chamados "mercados emergentes", com o objetivo nem sempre velado de "denegrir a imagem do Brasil no exterior", como se dizia nos tempos da durandana. Há muitos estrangeiros

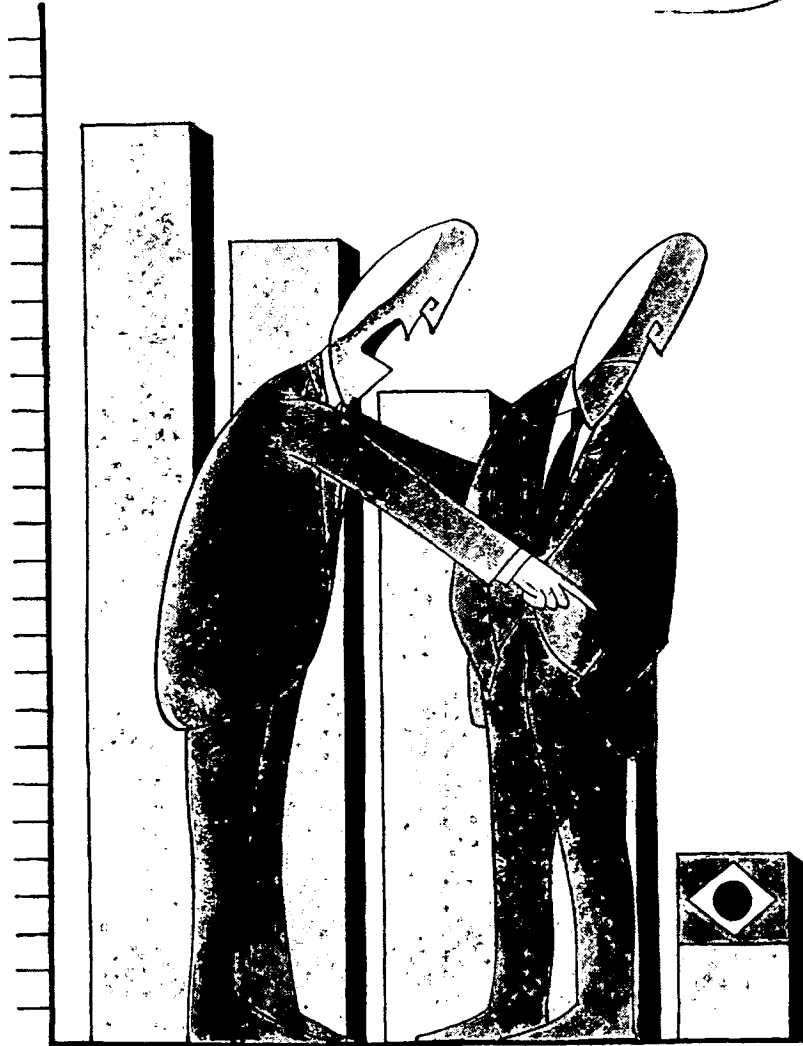
nessa posição e, mais do que estrangeiros, uma infinidade de ilustres patricios.

O México é o exemplo mais luminoso desse raciocínio. O México que, como se sabe, é "uma ditadura perfeita", segundo Mario Vargas Llosa. O México fez o ajuste, abriu, vai entrar no Nafta. Está tudo muito bem; só que tem um déficit assustador nas contas externas, e eles só não desvalorizam dramaticamente o peso porque o Governo vai entrar numa campanha presidencial feroz — e não ia ser agora que o Partido Revolucionário Institucional, há 64 anos no poder, ia entregar a rapadura. E a economia do México não cresce há vários anos — 1% de crescimento do PIB é uma festa. Não é à toa que o cientista político mexicano Jorge Castañeda diz que prefere a **bagunça** brasileira: os 5,5% de crescimento do produto brasileiro no primeiro semestre desse ano são três vezes o crescimento do produto mexicano. **Data venia** os economistas geniais, o povão mexicano — segundo Castañeda — estaria melhor no Brasil.

A Argentina tem o mesmo problema de sobrevalorização da moeda. Só não faz uma desvalorização brutal (o que seria do Plano Cavallo?), porque Carlos Menem resolveu ser presidente perpétuo. (Todo mundo se esqueceu que o Menem era peronista. Menos ele.)

Houve uma época em que só se falava da Europa do Leste. Ia ser uma beleza. O excelente nível educacional do povo seria a base para se construir um capitalismo deslumbrante. Uma Alemanha do pós-guerra multiplicada por dez. Pode ser que seja.

Mas, é bom não esquecer que os poloneses estão realizando a façanha



de devolver o poder aos comunistas — só que pelo voto. O que foi uma forma esperta de dar um susto nos economistas geniais: fazer um "ajuste econômico" à moda do FMI sem colocar uma rede de proteção de benefícios sociais numa sociedade acostumada a almoçar de graça não podia dar certo.

E a Rússia? Com seus intermináveis recursos naturais: o petróleo, o ouro. Afinal, cada russo sempre trouxe dentro de si o espírito de um empreendedor capitalista. Nem os 74 anos de tirania leninista conseguiram apagar a chama da liberdade. Deu no que deu. Nunca se viu tanta roubalheira. Os comunistas mais sábidos gostavam tanto do Estado, que aproveitaram a febre da privatização e botaram o Estado no bolso. E que primor de estabilidade política! Recomenda-se particularmente investir na indústria da construção civil — que tal uma torre de escritórios ao lado da Casa Branca?

Houve a moda dos países envolvidos no que o mercado de Nova York chama de **Exotic Bonds**: Colômbia, Filipinas, Trinidad Tobago, Nigéria, Marrocos. Os novos eldorados de Wall Street. Turquia. Turquia: capital o que mesmo, hein? Já, já, entra a África do Sul em moda, com o fim do bloqueio econômico. Estou me preparando para ouvir que a integração racial na África do Sul é muito mais harmoniosa do que no Pelourinho.

O mercado é mais esperto do que se pensa. Ele diz uma coisa e faz outra. O Brasil, com toda essa inflação de 30 e tantos por cento ao mês, é o principal destino de recursos financeiros internacionais nos mercados emergentes. Os operadores das cor-

retoras de Nova York têm mesmo é que aprender a operar com o Brasil. Como me disse uma amiga, diretora de uma corretora em Wall Street, que tem ganho muito dinheiro fazendo o oposto do que diz: "Quem aprende a operar Brasil aprende a operar Turquia e todo o resto."

Outro argumento: os papéis do Brasil oferecem os melhores rendimentos. Outro: o Brasil está entupido de dólares e, portanto, o risco de dar um calote nos investidores é infinitamente menor do que, por exemplo, o México e a Argentina. O perigo é o oposto: o Governo brasileiro criar mais obstáculos ao investidor estrangeiro. O Brasil é o **único** país latino-americano que, sistematicamente, tem saldo na balança comercial. Muitas vezes, é o terceiro saldo do mundo, abaixo do Japão e da Alemanha.

E o Brasil, **no comprido ou no deitado**, é um risco muito melhor do que muito mercado exótico ou não exótico. O ministro Fernando Henrique Cardoso contou recentemente, em Washington, ao secretário do Tesouro americano, Lloyd Bentsen, que a Autolatina está realizando investimentos que farão com que o Brasil, no ano 2000, produza dois milhões de veículos por ano. O americano se impressionou. Sabe quantos países produzem, hoje, mais de dois milhões de veículos por ano? Quatro: Japão, Estados Unidos, Alemanha e França.

É só o Brasil tomar vergonha na cara e derrubar a inflação. Porque, como se sabe, o problema do Brasil é que...

Paulo Henrique Amorim é correspondente da Rede Globo em Nova York.